

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmiento

## **CARTAS DE LEITE DE VASCONCELOS A MARTINS SARMENTO.**

(sem indicação de autor)

Ano: 1954 | Número: 64

---

### **Como citar este documento:**

(sem indicação de autor), Cartas de Leite de Vasconcelos a Martins Sarmiento. *Revista de Guimarães*, 64 (1-2) Jan.-Jun. 1954, p. 5-22.

---

Casa de Sarmiento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmiento, 51  
4800-432 Guimarães  
E-mail: [geral@csarmiento.uminho.pt](mailto:geral@csarmiento.uminho.pt)  
URL: [www.csarmiento.uminho.pt](http://www.csarmiento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

## Cartas de Leite de Vasconcelos a Martins Sarmiento

---

Começamos neste tomo da nossa Revista a publicação da numerosa correspondência inédita dirigida, durante 17 anos, a Martins Sarmiento por José Leite de Vasconcelos, sábio falecido em 1941, que tanto honrou com a sua vasta cultura a Ciência portuguesa.

Datam de 1879 as relações pessoais do prestigioso fundador do Museu Etnológico com o infatigável estudioso vimaranense e famoso explorador da Citânia de Briteiros. Contava então Leite de Vasconcelos apenas 21 anos de idade e Martins Sarmiento já 46, «com seus créditos de erudito bem firmados», sendo Vasconcelos nas Letras «um mero principiante», conforme, por estas mesmas palavras, ele próprio confessava em 1900, quando das homenagens prestadas em Guimarães à memória de Sarmiento, falecido no ano anterior.

Eram então, naquela época já distante, considerados como mestre e discípulo, embora, no decorrer de uma vida austeramente consagrada ao estudo, o discípulo viesse a alcançar a sabedoria do mestre, e porventura em diversos ramos da Cultura o ultrapassasse. Mas é preciso não esquecer também que Martins Sarmiento, além de ter sido um precursor da investigação arqueológica em Portugal, subordinada a um método esclarecido e preciso e a uma finalidade rigorosamente científica, não foi um

simples erudito, mas um homem de extraordinário e invulgaríssimo talento, poderemos mesmo dizer — um homem de gênio.

A aproximação destes dois notáveis cientistas teve lugar em Guimarães, onde Leite de Vasconcelos, quando ainda estudante no Porto, vinha por vezes passar as férias, sendo então hóspede do seu amigo Luís Cardoso Martins da Costa Macedo, Conde de Margaride, vimaranense também muito culto, primo e vizinho de Martins Sarmiento.

As cartas de Leite de Vasconcelos para Sarmiento, cuja publicação hoje se inicia, são muito interessantes e contêm passagens curiosas sobre Etnografia, Folclore, Arqueologia, etc. Foram cuidadosamente colleccionadas por Martins Sarmiento, juntamente com outra correspondência valiosa, e, após a sua morte, em Agosto de 1899, transitaram, com a sua livraria e os seus manuscritos inéditos, para a Sociedade Martins Sarmiento.

As cartas que, no decorrer destas relações científicas, Martins Sarmiento escreveu, por sua vez, a Leite de Vasconcelos guardam-se actualmente na Academia das Ciências, no espólio literário deixado pelo benemérito fundador do Museu de Belém.

Diversos extractos de parte dessas cartas já foram publicados pelo seu próprio destinatário, em seguida à morte de Sarmiento, no tomo especial da «Revista de Guimarães», consagrado em 1900 à sua memória, e no ano imediato reeditados n-«O Archeólogo Português» (Vol. VI, 1901, p. 30 ss.).

Apesar de não nos ser dada a possibilidade de publicarmos aqui também essas cartas de Sarmiento, conjuntamente com as de Leite de Vasconcelos, reproduzidas na íntegra como seria para desejar, esse inconveniente fica bastante atenuado pelo facto de elas terem perdido muito do seu interesse, visto já não serem documentos totalmente inéditos, e podem portanto consultar-se nas publicações acima citadas.

Num ou noutro ponto em que, para melhor esclarecimento do leitor, se torne necessário, anotaremos as cartas que seguem. Na sua publicação julgamos não haver a menor inconfidência, já pelos anos de-

corridos após as datas em que foram escritas, já pela própria natureza dos assuntos nelas versados.

As cartas são escrupulosamente transcritas, alterando-se apenas a ortografia nelas empregada, que foi actualizada.

M. C.

Il.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr.

O mono está no lugar de *Ferreira*, concelho de Paços de Ferreira, não longe de Paredes (1).

O Rei Guilherme (2) que não confunda Ferreira com Paços de Ferreira.

O meu gosto todo era que V. Ex.<sup>a</sup> o pudesse obter. Se V. Ex.<sup>a</sup> o obtiver e o fotografar, eu desejava depois uma cópia, bem como uma cópia da inscrição. Desculpe-me V. Ex.<sup>a</sup> este incómodo.

A estátua está ao pé da igreja, creio que no adro.

Eu achava que era bom não fazer lá grande barulho com o mono, porque, ainda que o povo lhe não

(1) O *mono* a que se referia L. de V. é a tampa de uma sepultura medieval, tendo esculpida uma curiosa estátua jacente de um guerreiro, com capacete e uma lança ao longo do corpo, segura nas duas mãos. Aos pés e de um e outro lado da cabeça ostenta letreiros dos quais apenas se lê hoje — «*hic iaci iohannis...*» (hic jacet Iohannis?) Desta inscrição existe no Museu da Soc. M. S. um modelo de gesso mandado executar por Martins Sarmiento que, apesar dos seus esforços, não conseguiu obter a pedra. (Vide *Catálogo da Secção lapidar*, por Mário Cardozo, Guimarães, 1945, p. 110).

Esteve durante muito tempo esta pedra tumular encastada num muro a nascente do cemitério de S. Fins de Ferreira, junto ao adro da Igreja. (Vide *In Memoriam do Dr. Pedro Vitorino*, Porto, 1935, p. 31, e *Boletim da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais*, fasc. 7 de 1937, fig. 51).

(2) Referia-se ao Conselheiro Dr. José Guilherme Pacheco, político muito notável, que foi um grande amigo da povoação de Paredes, onde fixara residência. Nasceu no Rio de Janeiro em 1823 e faleceu no Porto em 1889. Deve-lhe a vila de Paredes inúmeros benefícios, e por isso lhe erigiram ali um monumento. Foi tão marcada a sua benemérita influência nesta terra que era conhecido pela alcunha de *Rei de Paredes*.

dê importância, é capaz de, vendo que os outros lha dão, se opor a que a antigualha saia dali, — cuidando que ele é algum santarrão, como aconteceu uma vez na Galiza com a ossada de um certo quadrupede.

O mono pode ir perfeitamente num caixão de pau. O combóio fica perto de Ferreira.

\*

Eu não sabia que o Estácio da Veiga era quem dirigia as escavações de Ossónoba. Destas explorações nada soube ainda pelos jornais; o que soube foi por pessoas particulares.

Não posso por agora ser mais extenso, porque ainda tenho uma lição de Física para estudar.

Está sempre às ordens de V. Ex.<sup>a</sup> o

de V. Ex.<sup>a</sup>  
adm.<sup>or</sup> cr.<sup>o</sup> am.<sup>o</sup>  
mt. obgd.

S. Victor, 25,  
28 de Fev. 1879.

José Leite de Vasconcellos.

Porto,  
S. Victor, n.<sup>o</sup> 25  
em 17 de Janeiro 1880

Il.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr.

Tenho-me demorado em escrever a V. Ex.<sup>a</sup> por umas poucas de razões: porque estive doente desde sábado até 5.<sup>a</sup> feira com uma constipação; porque houve exames trimestrais na Academia (<sup>3</sup>); e porque queria ver se o rapaz de Paços de Ferreira me trazia a pedra para eu informar a V. Ex.<sup>a</sup>.

---

(<sup>3</sup>) Academia Politécnica do Porto, que L. de V. frequentava então, matriculado nos preparatórios para o curso de Medicina.

Outro rapaz de lá mostrou-me uma moeda romana aparecida na tal Citânia (4). Por baixo do busto há uma legenda de que só percebi parece que um P.

A pedra com *garatujas* em que aí falei a V. Ex.<sup>a</sup> fica junto a umas alminhas, num caminho de carros que segue à esquerda da igreja de V.<sup>a</sup> N.<sup>a</sup> das Infantas; creio que é na quinta de Carreiro, ou ao pé.

Quando vim daí, recolhi de uma mulher, minha companheira de carro, umas adivinhas; e de um homem umas tradições de pedras de raio. Também o homem me fez lembrar de que o nosso povo pronuncia *alimal* = *animal*, o que mostra claramente a origem de *alma*. O fenómeno inverso também se dá, i. é, a mudança de *l* em *n*. Ex. o J.<sup>o</sup> Ant.<sup>o</sup>.

Aconteceu-me uma partida engraçada. Tinha um artigo quase acabado sobre adivinhas populares, como eu disse a V. Ex.<sup>a</sup>, com destino ao n.<sup>o</sup> 7 da Era-Nova, quando vejo no n.<sup>o</sup> 6 um art.<sup>o</sup> do Teófilo sobre o mesmo assunto, com 42 adivinhas. O que vale é que, iguais às minhas, ele só traz umas 3, e com variantes umas 12; e eu já tenho 90 e tantas, e esperanças de mais. Rogava agora a V. Ex.<sup>a</sup> o especial obséquio de me escrever aquelas de que se lembrar, porque eu queria mandar o art.<sup>o</sup> na próxima 2.<sup>a</sup> feira; bem como de me dizer a cantiga ao cuco

#### *Cuco da ramalheira*

que V. Ex.<sup>a</sup> fez o obséquio de me dizer e que eu não sei se fixei bem.

Envio a V. Ex.<sup>a</sup> o incluso conto que há poucos momentos copieei e que nem ainda pude passar a limpo, para V. Ex.<sup>a</sup> ter a bondade de me dizer com que título ele vem no Ad. Coelho e se o dele difere muito do meu.

Os *Povos Balsenses* (5) mando-os amanhã a V. Ex.<sup>a</sup>, porque estavam emprestados e eu não me lembrava.

(4) A Citânia de Sanfins que em anos recentes foi começada a explorar pelo saudoso investigador P.<sup>e</sup> Eugénio Jalhay, escavações actualmente continuadas pelo Tenente-Coronel Afonso do Paço.

(5) Estácio da Veiga, *Povos Balsenses*, Lisboa, 1866.

No n.º da *Revue Celtique* que eu trouxe e em breve devolvarei a V. Ex.<sup>a</sup> é que vêm bastantes adivinhas iguais às nossas (6). Vou mandar vir as *Devinettes populaires de la France*, de Eugène Rolland. — V. Ex.<sup>a</sup> deve ter recebido o resto dos livros que aí se dignou emprestar-me. Assim que vier alguma cousa que V. Ex.<sup>a</sup> veja me pode interessar, em algumas das Revistas de V. Ex.<sup>a</sup>, eu muito desejava vê-las, já que V. Ex.<sup>a</sup> me dá essa faculdade, principalmente na inglesa, porque era ao mesmo tempo um meio de não esquecer o pouco inglês que eu sei, — e aqui há falha e muita de livros ingleses.

Os meus cumprimentos para a Ex.<sup>ma</sup> Esposa de V. Ex.<sup>a</sup>

Está às ordens de V. Ex.<sup>a</sup> o

No correio de hoje ou de V. Ex.<sup>a</sup>  
 amanhã mando o n.º 5 do cr.º ad. mt. obgd.  
*Pantheon.*

J.º Leite de Vasconcellos

---

Il.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. e

Meu presado Amigo: (7)

Estive ontem a esboçar um artigo sobre — A ideia de uma tríada nas tradições populares portuguesas —, mas faltam-me ainda algumas informações a respeito das *3 Marias do Áú* (ou *Éú*). Na Beira, em Braga e Viana há procissões da Paixão onde elas entram (choradeiras?) envoltas em mantilhas ou trajos negros

---

(6) Artigo «Devinettes Bretonnes», por L. F. Sauv e in *Revue Celtique*, vol. IV — n.º 1, Agosto de 1879, p. 60 ss.

(7) Esta carta não tem data mas deve ser de 1880 visto referir-se ao estudo critico de Martins Sarmento sobre o poema de Avieno, *Ora Maritima*, (Vide p. 13) cuja 1.ª edição foi publicada nesse ano.

e cantando não sei o quê. V. Ex.<sup>a</sup> poder-me-á mais uma vez dizer-me aqui alguma cousa? Há umas cantigas dos Reis e das Janeiras que começam:

*Partiram nas 3 Marias  
De noute pelo luar,  
Em busca de J. Cristo,  
Nunca o puderam achar.*

(Braga, Felgueiras, Beira, etc.)

Segundo me hoje disse por acaso um Padre da Beira-Baixa (e o *acaso* tem graça nesta ocasião), uma criada dele sabe uma história de 3 Marias e um poço ou cousa equivalente. Isto será certamente importante, porque tem aqui semelhança com as Deusas Mães. E a propósito: num livro que V. Ex.<sup>a</sup> fez o favor de me emprestar a respeito das inscrições das *Mães* vem no fim, se bem me lembro, umas poucas linhas em que se fala de identificação que Grimm fez das *Mães* com as 3 Marias; V. Ex.<sup>a</sup> poderá ainda ter a bondade de me transcrever essas frases com a indicação do livro, autor e página? Recolhi mais um conto interessante em que há uma gaita que faz dançar tudo. Um meu condiscípulo de Valpaços sabe outro. Já são 3. Parece impossível, mas já tenho passa de 300 adivinhas entrando as variantes. Só nuns dias arranjei cento e tantas; enquanto o Professor explicava às paredes, os meus condiscípulos copiavam adivinhas. Estou entusiasmado com este estudo, porque no n.º que cá tenho da *Revue Celtique* há muitas idênticas às nossas, e nesta observa-se uma certa regularidade. Os assuntos são na máxima parte tirados do campo ou da casa. Cada província tem uma fórmula inicial e final predominante. Ex.

Qual é coisa }  
Qual é ela? } Beira-Alta, Estremadura.

Que é, que é? — (Minho, Tr.-Mt.<sup>es</sup>).

Adivinhas uma advinha? (P. de Ferreira).

Qual é coisa? (Amarante).

(final) Adivinhal, bacharéis. (Minho, etc.)



É até provável que este *carácter agrícola* das adivinhas possa concorrer para sabermos alguma cousa do povo que as transmitiu.

É um arrojo, mas tenho um palpite que adivinhas, ornatos dos jugos, cidades velhas, provém tudo lá da Ásia (Árias).

Vou talvez mandar para um jornal francês ilustrado a minha memória sobre os jugos. Qualquer dia enviarei a V. Ex.<sup>a</sup> o programa, e por essa ocasião pedirei a V. Ex.<sup>a</sup> algumas informações a respeito de ornatos que tem encontrado nas ruínas, e de objectos de agricultura ou domésticos (como molinos, etc.) achados na Citânia, etc.

A respeito de Paços de Ferreira, o rapaz não achou o tal machado (?) de pedra, mas em compensação deu me umas informações que podem ser úteis a V. Ex.<sup>a</sup>. Um parente dele, chamado António da Rocha Guimarães Camões, possui uns objectos antigos; o tal rapaz pedindo-lhos, ele disse-lhe que, como eu era amigo do José Guilherme de Paredes<sup>(8)</sup>, e este sabia da existência daqueles objectos, era provável que os quisesse, e então que lhos dava.

Ora, V. Ex.<sup>a</sup> pode certamente falar nisto ao Rei Guilherme<sup>(9)</sup>, a título de novidade, para este efectivamente os pedir ao tal Camões, que ele dá-lhos com certeza. Assim V. Ex.<sup>a</sup> os chegará a obter. Ando a fazer namoro à moeda romana.

Também de Paços de Ferreira me veio, entre várias trad. interessantes, uma fórmula do pão que começa

S. Crescente te acrescente,

S. Crescente te leve de etc.

a qual nos mostra o fenómeno do *Nomen, Numen* (crescente do pão, e S. Crescente). Como porém este facto é importante, e eu ainda só o recebi desta fonte, não farei uso dele sem mais informações,

---

(8) Vide nota 2 de p. 7.

(9) Idem.

talvez. A pessoa que me deu a fórmula é capaz, mas às vezes há um engano. V. Ex.<sup>a</sup> sabe alguma cousa a este respeito?

Muito agradecido pelas reflexões que me faz ao *Pantheon*. Estimarei sempre, e peço-o até à bondade de V. Ex.<sup>a</sup>, que me corrija sempre. Efectivamente o infinito é impessoal, como se vê do resto do romance. Ali foi erro de cópia. Tenho a imprimir na *Aurora do Cávado* uma colecção de romances pop. Já saíram 8 pág. Depois mando tudo a V. Ex.<sup>a</sup>. Estou morto por ver a *Ora marítima*. Por ora não tem vindo nada nas Revistas? O *Pantheon* (n.º 6) envio-o por estes dias. Morre com este n.º. Portanto peço a V. Ex.<sup>a</sup> o obséquio de não mandar o art.º. O art.º que V. Ex.<sup>a</sup> disse havia de fazer sobre *Mouras e Pagãs* era interessante e conveniente. Porque o não manda V. Ex.<sup>a</sup> para a *Era-Nova*? Se o não quiser mandar, eu mando-o. No n.º 8 devem lá sair 115 adivinhas e notas. Hoje envio 2 *Vanguardas*. Rebebi os *Povos Balsenses*.

Sou de V. Ex.<sup>a</sup> cr.º am.º mt. obgd.

José Leite de Vasconcellos

P. S.

Depois de escrita esta, recebi a carta de V. Ex.<sup>a</sup> e os 2 livros que muito agradeço. Agradeço igualmente os conselhos que V. Ex.<sup>a</sup> me dá a respeito da impressão do meu livro, e, se a realizar, aproveitarei o generoso oferecimento das assinaturas. Vejo o que o homem diz das 3 Marias. Soube hoje mais alguma cousa: Em Foscôa, quando chove muito, vão 3 Marias pela madrugada, ao pé da fonte de Azinhate, junto ao templo da S.<sup>a</sup> do Amparo, voltar uma pia de pedra que aí está, para o chuva abrandar. As Deusas-Mães, deusas talvez campestres, parece que se transformaram na Idade-Média em fadas das fontes, etc., como as nossas Moiras.

Eu não sei que haja nenhuma inscrição no nosso país a respeito das Deusas-Mães; há apenas uma inscrição no Hübner, *Matri Deum*.

A Terra era a *Dea Mater*. Agora o facto que o H. Gaidoz <sup>(10)</sup> aponta das *virgens negras* achadas na terra, esse repete-se muito no nosso país.

Também no Gaidoz encontrei a confirmação (?) de uma suposição minha de que um gato que é costume meter numa panela e queimar no facho do S. João é o vestígio de um sacrificio. O mesmo costume existe não me lembro agora em que acto da vida campestre.

O livro que eu tenciono publicar — *Tradições Populares de Portugal* — <sup>(11)</sup> espero dividi-lo em 3 partes:

I) *Superstições*, trad. várias, etc.:

a) trad. dos astros; b) trad. das águas, etc.;  
c) trad. dos animais; d) trad. do homem, compreendendo: 1) lobishomem, alma penada, feitiçarias; 2) nascimento, baptizado, casamento, funerais; 3) trajos de certas aldeias, etc.

II) *Fastos*.

§. *Apêndice*: Algumas pág. de Mitol. Port. { Moiras  
Santos  
Triada  
Diabo, etc.

III) *Literat. e Belas-Artes populares*:

{ 1) contos e lendas;  
2) poesia (romances, cantigas, ensalmos, lengalengas, adivinhas, etc.)  
3) música; dança; es-cultura.

Isto assim, porém, dava-me umas grandes proporções, e eu talvez resuma a parte *literat. pop.*, dando apenas algumas composições para especímenes. Com efeito nas outras partes tenho de meter muitas cantigas, lendas, contos, etc.

<sup>(10)</sup> Henri Gaidoz, *Esquisse de la Religion des Gaulois*, Paris, 1879, p. 12.

<sup>(11)</sup> José Leite de Vasconcelos, *Tradições populares de Portugal*, Porto, 1882.

Na *música* auxilia-me um meu condiscípulo, e eu faço o estudo dos instrumentos infantis e populares. Na escultura tencionava falar das *cangas*; mas isto faz assunto de um trabalho que mandarei para um jornal francês, mas que antes sujeitarei à crítica de V. Ex.<sup>a</sup>, porque tenho lá de falar na Citânia, etc.

As *adivinhas* publica-mas em folheto a *Era Nova*, e por isso suprimo-as. Deste modo a obra ficará reduzida a 300 e tantas pág.

V. Ex.<sup>a</sup> aprova esta divisão?

— Por estes dias devolvo os livros que V. Ex.<sup>a</sup> se dignou mandar-me hoje; a outra *Revue Celtique*, essa ainda a demoro alguns dias, salvo se V. Ex.<sup>a</sup> a quiser primeiro. A respeito da *Revue Archéologique* muito a estimarei bem como uma tradução de Strabão do G. Pereira que V. Ex.<sup>a</sup> o ano passado me quis mostrar, mas que não achou. Eu não tenho o Strab. e de todas as vezes que preciso dele tenho de ir à Biblioteca, aonde raras vezes posso ir. Contudo não quero que V. Ex.<sup>a</sup> se incomode a procurá-lo, se o não achar logo.

---

II.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr.

Desculpe-me V. Ex.<sup>a</sup> o não ter cumprido primeiro com o dever de lhe escrever.

Inclusas remeto a V. Ex.<sup>a</sup> as notícias arqueológicas que prometi enviar. Ofereço também a V. Ex.<sup>a</sup> os 3 desenhos que acompanham esta.

O (1.<sup>o</sup>) e (2.<sup>o</sup>) representam vasos achados em Amarante, creio que em 1862. O rapaz que os fez e é o possuidor dos objectos ficou de me dar informações do local.

O 2.<sup>o</sup> tem no fundo uma curiosa marca, muito parecida com as da Citânia. Eu bem quis ver se em CM podia descobrir um A nas duas primeiras pernas do M, porque então tínhamos quase o nome *Camal*, mas não tem sinais nenhuns. São curiosos estes sinais com círculos concêntricos que aparecem

na Índia (como V. Ex.<sup>a</sup> diz na *Renascença*) (12), na Citânia e nos muros do Castelo de aí. Hei de ver se posso comparar com os cacos que eu trouxe da Citânia aquelas duas infusas. Uma delas é abrançada e a outra avermelhada. Parecem romanas.

\*

Entre Guimarães e Vila-Boa, para cá da ponte do Ave, vi, quando vinha no carro com o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Conde (13), outro dia, umas pedras com a disposição de um dolmen,—ao lado direito da estrada. A tampa é um grande penedo. Será um dolmen?

\*

A respeito da costumeira do defunto, soube que é uso em Resende, ou perto, deitar 5 reis no caixão para o defunto *passar a barca*.

No correio de amanhã ou depois remeterei a V. Ex.<sup>a</sup> os 2 primeiros n.<sup>os</sup> do meu *Cancioneiro*, que ofereço a V. Ex.<sup>a</sup>, e uns folhetins que eu escrevi sobre costumes populares e prometi mostrar a V. Ex.<sup>a</sup>.

No Domingo passado deram-me uns mosaicos romanos, de mármore de diferentes cores, achados em Ossónoba, numas termas.

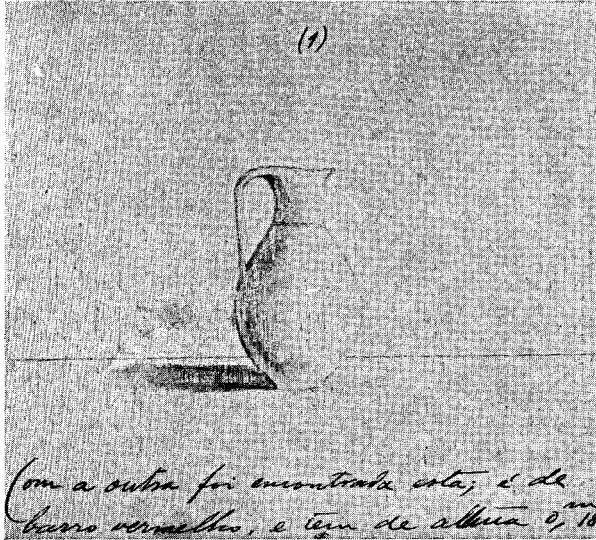
O (3.<sup>o</sup>) desenho (14) representa um objecto de bronze que eu possuo e foi achado em Castro-Daire. Parece ser uma espécie de argola do cimo de uma vara (de pálio ou cousa semelhante). Tem uma abertura de lado a lado, por onde podia passar um cordão. É de bronze. O desenho é segundo o tamanho natural. V. Ex.<sup>a</sup> que me diz?

---

(12) Francisco Martins Sarmento, «Sinais gravados em rochas», n' *A Renascença*, Porto, 1878, p. 25.

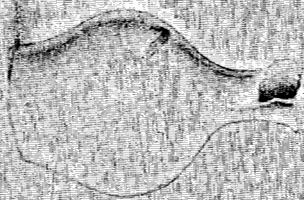
(13) Luis Cardoso Martins da Costa Macedo, 1.<sup>o</sup> Conde de Margaride, falecido em 1919, do qual L. de V. era hóspede em Guimarães, onde nessa época costumava passar as férias escolares.

(14) Infelizmente este 3.<sup>o</sup> desenho a que se refere L. de V. não se encontra na colectânea das suas cartas, talvez extraviado ainda no tempo de Sarmento. Motivo por que só damos a reprodução dos dois primeiros desenhos.



*Desenho n.º 1 a que se refere a carta de 21-1-1880  
(Ver pág. 15).*

<sup>Paris</sup>  
(Chapelle) achada em chinarante, em seu castro



Alcortam superior

et antiquum e de mero piceo fassat, e Gaude  
Alcortam 19.

Imunidade natural de fado, morte de seu  
graves em mero piceo, compoite de seu  
comunidade piceo concubina, de  
sua carta piceo piceo em 1772  
morte de seu de seu de seu de seu de seu de seu

Desenho n.º 2 a que se refere a carta de 21-1-1880  
(Ver pág. 15).

O que eu queria era tempo para estudar estas antiguidades,— que tantas temos. Infelizmente só quando eu acabar o meu curso terei tempo. Preciso de esperar 7 anos como Jacob em casa de Labão.

Eu não escrevi primeiro a V. Ex.<sup>a</sup> porque tenho andado muito ocupado.

Aqui está às ordens o

De V. Ex.<sup>a</sup>

cr.<sup>o</sup> adm.<sup>or</sup> muito am.<sup>o</sup> e obgd.

Porto, R. de S. Victor,  
n.<sup>o</sup> 25, — 21 de Janeiro  
de 1880.

José Leite de Vasconcellos

P. S.

Os templos de S. Miguel do Castelo (o P.<sup>e</sup> Torquato dirá alguma coisa sobre a sua fundação?), Oliveira e S. Tiago do Peixe estão todos voltados com as portas ao Poente? Pedia a V. Ex.<sup>a</sup> o obséquio de mo dizer quando poder.

### Estátua de Diana em Resende (15)

Na ano de 1732, conforme afirma Fr. Teodoro de Melo (1), appareceu em Resende, no sítio de Medorno por ocasião de certas escavações, uma estátua de Diana.

Fr. Teodoro diz que leu num lado

*Diana sacello Flava*

---

(1) *Nobiliario particular e provadas memorias da casa dos morgados de Velludo e Colégio da Baeta*,— Ms. de 1733; §§ 26, 28-30, pgs. 123-26.

---

(15) São estas as noticias archeológicas a que L. de V. se refere no começo da presente carta.



e no outro :

*Carcav. fecit A. LXXV*

Fr. Teodoro descreve a estátua e interpreta as inscrições assim :

« . . . . » . . . . e sendo ambas hũa pedra de altura cinco palmos e dous de largo, em que se deixa ver de relêvo, ainda que pouco polida a figura de Diana, que estava no seu pequeno templo ou capella sem tecto, que é o que significão as primeiras palavras, significando as segundas « *Carcavellos* a fez anno de 75. . . . » (2).

O mesmo A. opina que o nome do regato *Carcavellos* e o da freguesia de *Cárquere* são derivados do nome daquele estatuário.

Diz ainda o mesmo A. que a estátua, no tempo dele, se conservava na quinta de Beba, pertencente ao Dr. Alexandre de Sousa Pinto.

A mim disse-me um sujeito (mas que não merece inteira confiança) que esta estátua ainda se conserva.

Aqui está o que prometi a V. Ex.<sup>a</sup>.

Eu, enquanto não obtiver mais informações, como espero, ponho minhas dúvidas.

Teodoro de Melo era *frade, genealogista*, e por isso costumado a petas (eu digo isto, ainda que ele é meu parente mais ou menos remoto). As nações gostam sempre de ter uma origem divina; as famílias uma origem real; as cidades uma origem antiquíssima e ilustre. Fr. Teodoro, que fez a descrição de Resende e quis ver vestígios de uma cidade ao longo do rio Carcavelos, pode muito bem ser ter inventado a estátua de Diana, para nobilitar Resende e o rio. Além disso não vejo muito bem como de Carcavelos pudesse sair Cárquere; e o nome do rio devia antes ser *Carcavelo*.

Se V. Ex.<sup>a</sup> puder obter informações de Resende, essas informações melhor decidirão.

---

(2) *Ibid.* p. 125-26, § 30.

Sepulturas de pedra avulsas

Tenho conhecimento de 3:

Uma aberta em rocha, junto à quinta de meu falecido parente e padrinho Luís Pinto de Sousa Pereira e Meneses, em Coteló (3), junto a Resende. Esta disseram-me (eu vi-a em pequeno, e pouco me lembro) que tinha ao fundo cavidade ou cavidades que podiam ser para caberem os pés do defunto.

Outra sepultura, à maneira de pia, e que de pia veio a servir, existente em Mondim da Beira (meu concelho) em 1876. É provável que ainda exista.

Outra existente na Quinta da Boa-Vista, perto do Sarzedo e pertencente a um meu amigo.

---

Il.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr.

Felizmente o *Pantheon* não morre; no dia 15 deve sair o n.º 7. Portanto não me despeço do favor de V. Ex.<sup>a</sup>. Como o art.º não irá provavelmente todo de uma vez, pode V. Ex.<sup>a</sup>, se quiser, mandar-me o princípio, e depois mandará o resto (16).

Também vou escrever ao Gabriel Pereira. Bastará pôr — Évora — no sobrescrito?

Achei mais outra fórmula

S. Levede  
Te levede;  
S. Vicente  
Te acrescente, etc.

(Ovar)

---

(3) Coteló parece deminutivo de côto (cf. picoto). Em Mesão Frio há um sítio chamado *Picota*; em Resende há Cotas e Côto. Há uma povoação chamada Coteló (para o lado de Resende). (Cf. também *couto*).

---

(16) Vide pág. 13.

Parece-me que o único vestígio do nome romano que existe no nosso povo que está no de *S. Romão*.

Com efeito, este santo anda sempre a aparecer-me. Ainda numa fórmula que me deram ontem vinha:

É o *S. Romão de Roma*  
É *fora de Roma*  
Que me livre de cães danados

etc.

O *S. Romão de Briteiros* (17) também importa para aqui.

A respeito de *pagão* hei de procurar alguma cousa e manda-la a V. Ex.<sup>a</sup>.

Em tempo parece-me que disse a V. Ex.<sup>a</sup> que me parecia que o chifre tinha alguma cousa com os cultos fálicos. Há uma terra com um *S. Cornelho* (*S. Cornélio*) onde as mulheres lhe levam cestos de chifres; em Vouzela há também um costume interessante a respeito do chifre, na ocasião de casamentos; na minha terra põe-se um chifre num pau no meio dos campos para os livrar de *ares ruins*. Neste último caso parece existir um vestígio de alguma divindade campestre que era representada com pontas. A ponta é a força e em algumas partes, como V. Ex.<sup>a</sup> muito bem sabe, o símbolo de realeza. Na festa do *S. Martinho*, que suponho festa fálica, os festeiros levam chifres na mão, como os falóforos. Etc.

Que parece isto a V. Ex.<sup>a</sup>?

Por agora não posso ser mais extenso. Sou res-  
peitosamente

De V. Ex.<sup>a</sup>

cr.º am.º mt. obgd.

Porto, S. Victor

6 de Fev. 80

José Leite de Vasconcellos

---

(17) Nome do monte onde estão situadas as ruínas da Citânia de Briteiros.

II.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr.

Não tenho escrito a V. Ex.<sup>a</sup> porque tenho estado à espera de um domingo de bom tempo para fazer uma pequena excursão arqueológica perto do Porto, e então, quer eu viesse com um saco cheio de cacos, quer com um saco cheio de desilusões, poder fazer a V. Ex.<sup>a</sup> uma pequena descrição.

Infelizmente esse domingo não tem chegado. Hoje é facto que está bom dia, mas tive muito que fazer e foi-me impossível ir. O monte aonde espero ir é em S. Cosme de Gondomar.

Vou dar uma notícia importante, mas talvez desoladora, a V. Ex.<sup>a</sup>. No concelho de Paredes disse-me um rapaz meu amigo que existe um môno de pedra, de *jaqueta* curta, e com uma inscrição, que ninguém entende, aos pés. Esta provavelmente preciosidade arqueológica e talvez parecida com a que V. Ex.<sup>a</sup> tem no quintal, anda aos trambolhões por lá; e os garotos cavalgam naquele representante de outras eras, como numa cousa desprezível e vil!

Atendendo a este desprezo pelo *môno* quero ver se consigo arranjá-lo, ou por compra (dando-o barato) ou por outro qualquer meio.

Que me diz V. Ex.<sup>a</sup> a isto?

Como esse monumento há-de haver muitos e muitos no país. No Algarve andam umas escavações em Ossónoba, mas creio que dirigidas por gente insciente. Já de lá me vieram uns pequenos mosaicos.

Deram-me um dia destes duas chapas de metal antigas. Deram-mas como do séc. xvi, mas eu não sei de quando são. Hei de mostrá-las a alguém que saiba.

A marca gravada no vaso de que mandei desenho a V. Ex.<sup>a</sup> (18) e pertence a um rapaz meu discípulo, parece ser figulina; pois se fosse aberta depois, devia talvez acusar certas asperidades e pelo contrário não acusa nenhuma.

Incluso remeto a V. Ex.<sup>a</sup> o pequeno desenho que tirei muito à pressa de um livro que outro dia

---

(18) Vide pág. 15 e figura entre págs. 16-17.

levava na mão um rapaz meu amigo. O rapaz ia com pressa e eu nem pude tirar a indicação do sítio de África a que a notícia que acompanha o desenho se refere <sup>(19)</sup>.

Tenho arranjado muitas superstições curiosas, uma principalmente que se refere a um costume de apedrejamento, e outra ao enforçar do pão.

Há dias mandei a V. Ex.<sup>a</sup> o 1.<sup>o</sup> e 2.<sup>o</sup> n.<sup>o</sup> do *Cancioneiro*; hoje remeto o 4.<sup>o</sup> fascículo. Se V. Ex.<sup>a</sup> falar com o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Conde <sup>(20)</sup>, muito me obsequieia dando-lhe recados meus. Brevemente lhe escreverei, a ele.

Digne-se V. Ex.<sup>a</sup> desculpar esta letra, porque estou a escrever à carreira. Aqui estou às ordens de V. Ex.<sup>a</sup>. Muito estimará as notícias de V. Ex.<sup>a</sup> o

Porto, S. Victor 25  
22 de Fev. 1880

de V. Ex.<sup>a</sup>  
cr.<sup>o</sup> am.<sup>o</sup> mt. obgd.

José Leite de Vasconcellos.

(Continua)

---

<sup>(19)</sup> Não se encontra este desenho na colecção das cartas. Como se tratava de um papel avulso fácil seria de extraviar, infelizmente.

<sup>(20)</sup> Vide nota 13, a pág. 16.